

20 crianças, 20 planejamentos: o papel da coordenação pedagógica na escola contemporânea



Carine Winck Lopes*

Resumo:

O foco de investigação desta pesquisa centra-se no estudo sobre as ações pedagógicas dos coordenadores escolares realizadas em conjunto com o grupo de professores nas escolas de educação básica. A intenção é refletir sobre o modo como tais ações ocorrem no ambiente escolar e, assim, contribuir para a reflexão do papel do coordenador pedagógico. Propõe-se uma mirada contemporânea à escola construída/inventada há muito tempo e que, com o passar dos anos, necessita ser reinventada de acordo com as suas demandas, cada dia maiores. Faz-se necessário refletir sobre as funções da escola, e, para isso, é preciso conhecer quem são os protagonistas das escolas de hoje.

Palavras-chave:

Educação básica. Coordenação Pedagógica. Formação de professores.

Abstract:

The investigative focus of this research centers on the study of the pedagogical practices of the school coordinators held in conjunction with the group of teachers in the elementary schools. The purpose is to reflect on how such actions occur in the school environment and thus contribute to the reflection of the role of contemporary pedagogical coordinator. It proposes a contemporary glance at school created/invented a long time ago and, over the years, needs to be reinvented according to their demands which are getting larger every day. It is necessary to reflect on the functions of the school, and for that it is needed to know who are the protagonists of today's schools.

Keywords:

Elementary education. Pedagogic coordination. Teacher education.

Este texto pretende refletir sobre ações dos responsáveis pela coordenação pedagógica de instituições escolares que estão diante de questões que colocam em xeque antigas e novas práticas pedagógicas. Propõe uma discussão acerca do papel da coordenação pedagógica tomando este cenário escolar como ponto de partida para as reflexões: pois bem, enquanto alguns educadores preocupam-se em problematizar o mal-estar moderno e pós-moderno da civilização, observa-se que outros educadores continuam transmitindo aos seus estudantes os conteúdos programáticos de determinada série, sem explorar tais conteúdos com criatividade e autonomia, sem conhecer os estudantes, sem inseri-los em seu planejamento. Toma-se como exemplo os estudos sobre a História do Brasil. Percebe-se que alguns professores ainda ressaltam a descoberta do Brasil a partir da chegada de Pedro Álvares Cabral, sem nenhuma reflexão, seguindo apenas o que está descrito nos livros didáticos, sem considerar a importância da história, que nada mais é do que sua própria história.

* > Licenciada em Pedagogia e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.
E-mail: carine_wlopes@hotmail.com

Diante deste contexto, no qual apenas se segue o que está proposto no livro didático, estamos acostumados a ouvir a seguinte frase: “Lá na minha escola ninguém faz nada”. Ao pronunciar tal frase, este sujeito não leva em consideração que também faz parte da escola. Pois se a escola é “minha”, neste caso, a escola pertence a ele, logo, está narrando sobre ele mesmo. Reclamar e queixar-se não irá modificar o que está posto. É preciso fazer algo, colocar-se em ação. Importa dizer que ao invés de criticarmos o que não é realizado pela escola, seria importante realizarmos uma avaliação do que estamos fazendo, propondo como escola, neste caso, enquanto coordenadores de escola.

Refletir sobre a escola contemporânea não é uma tarefa fácil. A escola foi construída, inventada há muito tempo e, com o passar dos anos, precisa ser constantemente reinventada de acordo com as suas demandas, cada dia maiores. Interessa-nos, portanto, refletir sobre as funções da escola, e, para isso, é preciso compreender quem são os protagonistas que atuam na educação básica. Tal como indagado por Hickmann,

Cabe perguntar-nos se realmente desejamos realizar esta “secreta mirada”, revendo o nosso cotidiano de professores/as de todos os dias nas salas de aula, considerando as precariedades das condições de trabalho docente em que estamos imersos, bem como a desvalorização profissional e salarial que vem sendo uma das marcas das políticas públicas que têm orientado a educação em nossa realidade social. (HICKMANN, 2002, p. 67)

Conforme referido na citação acima, os professores enfrentam dificuldades para realizar o seu trabalho docente, assim como muitos estudantes fracassam em seus estudos. Para que esta realidade não seja produtora apenas de queixas, existe o trabalho da coordenação pedagógica de uma instituição escolar. Este trabalho consiste em realizar a “secreta mirada”, buscando rever o cotidiano de estudantes e professores, valorizando a profissão docente através desta ação. Para efetuar tais discussões, tomarei como base minha experiência como coordenadora pedagógica de uma escola de educação infantil, considerando que a ação da coordenação se realiza, principalmente, fora da sala da coordenação.

Segundo o minidicionário Ruth Rocha (ROCHA, 2001), a palavra coordenar significa “[...] dispor segundo certa ordem e método; organizar”. Deste modo, a coordenação de uma escola organiza, sistematiza e coloca em ordem algumas questões, como as burocráticas, atuando em conjunto com a direção escolar. Além disso, possui como função principal o acompanhamento do fazer pedagógico dos professores, com ênfase na organização da formação continuada.

A partir destas competências, aponto alguns dos desafios da coordenação:

- » Como e quando estar presente em sala de aula?
- » Como e quando interferir no trabalho do professor?
- » Como realizar a formação continuada?
- » Como avaliar o entendimento da proposta pedagógica pelos professores?
- » Como estabelecer uma relação cordial, ao mesmo tempo, em que se cobra algo que não está sendo feito?

Tendo em vista essas provocadoras indagações, proponho a reflexão acerca da primeira questão que corresponde aos momentos de interação entre a coordenação e os professores. Em geral, a principal forma de interação ocorre a partir da leitura do planejamento das aulas do professor. Antes de avançar por este caminho, cabe ressaltar a importância do planejamento diário. Trata-se de um planejamento flexível e reflexivo pois quando não há sistematização do que será proposto, não há combinações com o grupo de estudantes, não há critérios para a avaliação. O trabalho docente necessita de um planejamento.

Cada instituição de ensino possui em seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) a descrição da organização curricular de cada classe, série, ano. Tal pressuposto permite operar que o docente realiza o seu planejamento a partir dos conteúdos listados no PPP,

juntamente, com os saberes práticos ou experimentais que sustentam a sua ação docente. De acordo com as palavras de Tardif,

Pode-se chamar de saberes experimentais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se sobrepõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. (TARDIF, 2012, p. 48-49)

Tais saberes auxiliam no desenvolvimento de um planejamento flexível, no qual o educador oportuniza aos estudantes a possibilidade de fazerem parte deste planejamento. Ou seja, o estudante torna-se participante na organização do planejamento através de situações pedagógicas em que o docente identifica quais são as necessidades e possibilidades destes estudantes (os que já sabem e o que querem/precisam saber). Esta prática reconhece os estudantes como sujeitos capazes de gerenciarem o seu próprio processo de desenvolvimento e também demonstra a pedagogia assumida pelo professor. Novamente, utilizando as palavras de Tardif,

[...] Quer queira, quer não, todo professor, ao escolher ou privilegiar determinados procedimentos para atingir seus objetivos em relação aos alunos, assume uma pedagogia, ou seja, uma teoria de ensino-aprendizagem. Assim como não existe trabalho sem técnica, também não existe processo de ensino-aprendizagem sem pedagogia. (TARDIF, 2012, p. 119)

Para tornar os estudantes participantes do processo de planejamento, é preciso que sejam disponibilizados momentos de troca entre os educadores e os estudantes para que a prática do diálogo se torne prazerosa. Este diálogo não pode ser algo impositivo, no qual os estudantes sejam obrigados a falar. Este desejo de expressão deve ser exercido no tempo de cada estudante, que é diferente entre cada um. Se o exercício de diálogo for algo sem importância, este modelo de planejamento perde o seu sentido.

Porém, em meio a tantos conteúdos, será que os professores estão tendo tempo para dialogar com os estudantes? É neste momento que a coordenação da escola necessita interferir. Em primeiro lugar, a coordenação precisa colocar à disposição do professor a proposta pedagógica da sua escola, para que esta oriente a viabilidade do planejamento que será colocado em prática. Além disso, outros pontos devem ser observados no momento do planejamento das situações pedagógicas, como, por exemplo, se a instituição escolar deseja desenvolver no estudante a capacidade de formular as suas hipóteses ou ele deverá saber apenas o que lhe é transmitido, e, com relação à avaliação, se será apenas observado o resultado final ou o seu percurso de aprendizagem. Estas respostas refletem o modo de aprendizagem desejado pela instituição e devem estar presentes no horizonte de expectativas da coordenação para posteriormente serem repassadas aos docentes. A partir do diálogo sobre as expectativas educativas da instituição entre todos os seus protagonistas, será possível avaliar a compreensão acerca do entendimento da proposta pedagógica.

Após a compreensão da proposta da instituição, a coordenação escolar, em conjunto com os professores, necessita planejar de que forma irá conhecer o grupo de estudantes. Esta ação é uma ação contínua, necessita ser renovada todos os anos. Quem são os estudantes? Quantos são? O que já sabem? O que desejam saber? O que necessitam saber? Nesta ação, ao mesmo tempo em que o coordenador/professor se propõe a conhecer o grupo de estudantes, ele também passa a dar-se a conhecer. Este primeiro contato é importantíssimo,

pois a partir dele irão se constituir as relações de afeto e de respeito entre todos do grupo. Porém, saliente, este momento, assim como os outros, necessita de planejamento. Além disso, este contato auxiliará na organização da formação continuada dos professores, pois através do conhecimento sobre os estudantes poderão surgir as dúvidas que servirão como pauta para as formações docentes.

O olhar do professor modifica-se ao planejar as suas aulas, após a realização dos primeiros planejamentos, afinal, o planejamento necessita dar conta das aprendizagens dos estudantes. Recordo das palavras da professora Maria Luisa Xavier, frase que estimulou o título deste texto, quando em uma das aulas do curso de Pedagogia, acentuou: “Se são 20 crianças, são 20 planejamentos”. Ou seja, os estudantes devem estar contemplados dentro do planejamento do professor. Concordando com a frase, são vinte planejamentos em um. Em momentos como este, de dúvidas com relação ao planejamento, a coordenação pedagógica deve se fazer presente para orientar o trabalho do educador, dando sugestões e buscando soluções para os problemas. Desta forma, a coordenação entra na sala de aula, na figura de alguém que irá auxiliar, sem pretensões de saber tudo, mas como alguém com a competência de estar junto com o professor.

Neste sentido, interessa-me particularmente a problemática relacionada à compreensão, por parte dos professores, de que os estudantes aprendem o mesmo conteúdo de formas diferentes, e, por isso, a necessidade de vinte planejamentos em um. Para colocarmos em prática estes diferentes planejamentos, precisamos estar atento à função do tempo e das rotinas na sala de aula. Em um ano letivo, haverá inúmeras horas para o desenvolvimento destes planejamentos, mas precisamos aproveitar o tempo, tornando-o prazeroso através das aprendizagens mútuas.

Os problemas enfrentados em sala de aula são diversos. O objetivo deste texto não foi abordar os problemas escolares como violência, falta de recursos, falta de estrutura física, entre outros, mas sim, refletir sobre as possíveis aproximações entre a coordenação pedagógica, professores e estudantes. É função da coordenação pedagógica apoiar o professor estabelecendo uma relação cordial, compreendendo os limites de cada um e orientando as possíveis melhorias pedagógicas e afetivas.

Atualmente, o salário dos professores, principalmente nas escolas públicas, não é o almejado pela categoria, e isso muitas vezes faz com que o professor fique desmotivado e entre em sala de aula apenas falando sobre a chegada de Pedro Álvares Cabral. Por isso, a coordenação da escola deve estar atenta aos sinais de desmotivação dos professores. Se não é possível uma valorização salarial desejável, que seja possível valorizar os professores de outras maneiras. Que maneiras? Esta resposta dependerá do perfil dos professores de cada escola. Será que os coordenadores realmente conhecem as necessidades dos professores da sua escola?

Finalizando, o papel da coordenação pedagógica de uma escola é estar presente, inclusive em sala de aula. É na interação com os professores e com os estudantes que a coordenação poderá orientar o trabalho do professor para que este seja realizado com mais qualidade. Afinal, o professor não se sente sozinho quando possui uma coordenação pedagógica atuante na escola.

Referências

- HICKMANN, Roseli Inês. O resgate do desejo no trabalho docente. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 8, n. 48, p. 64-71, nov./dez. 2002.
- ROCHA, Ruth; PIRES, Hindenburg da Silva. *Minidicionário*. São Paulo: Scipione, 2001.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.